

“SE NÃO TIVÉ O OLHO, CÊ NÃO VAI ENXERGÁ A ORELHA”: ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA EM ILETRADOS

Considerações iniciais

Tanto a estrutura da memória semântica quanto, em consequência, a recuperação do significado têm colocado grandes desafios às várias disciplinas que delas se ocupam, a tal ponto que Fodor (1983) retirou-a dos objetos passíveis de uma investigação científica, alinhando-as junto aos chamados processos horizontais.

Esta dificuldade em examinar o significado já fizera com que, anteriormente, Bloomfield (1960 [1933]) tivesse excluído a semântica do escopo da lingüística.

Roger Brown, num artigo clássico (1958), foi o primeiro a discutir sob o enfoque psicolingüístico, o problema da referência. Apoiando-se em Frege (vide as traduções para o port. 1978 a ,b), que assinalou os vários nomes atribuíveis a uma mesma referência (o exemplo clássico é o planeta Vênus, também denominado como Estrela Matutina e Estrela Vespertina), argumentou sobre as dificuldades para a categorização em aquisição da linguagem. Brown chamou a atenção para o fato de que alguns rótulos são mais adequados que outros, dependendo do que o falante quer pôr em realce, o que posteriormente veio a inspirar Rosch (1978) em sua proposta do nível básico de categorização. Observe-se da discussão das reflexões de Frege e Brown, o quanto uma distinção que será examinada nesta comunicação entre memória popular (*folk memory*), também conhecida como conhecimento e memória ou conhecimento enciclopédico é fundamental para entender as estratégias desenvolvidas pelos sujeitos iletrados. No exemplo dos dois rótulos conferidos ao planeta Vênus, ressalta a concepção *naïve* de que Vênus é uma estrela (memória popular).

Um outro tipo de memória que vem sendo estudado mais recentemente, a memória emocional, também foi colocado por Brown, que a denominou *flashbulb memory*, num artigo com Kulik (1977, *apud* Pinker, 1998:210). Stoel-Gammon e Scliar-Cabral (1976:395) haviam igualmente assinalado o efeito da emoção sobre a memória. Analisando o relato de uma criança de 23 meses e 23 dias, as autoras concluem

que: “It should be noted that the child’s retention of the incident and his desire to tell it other as ‘new’ information are directly related to the emotional impact that incident had on the child.”

Neste artigo, dadas as limitações espaço-temporais, nos deteremos em examinar, sob o enfoque psicolingüístico, a questão da categorização, 1º, re-
futando, conforme já o vem fazendo a maioria dos autores que se ocupam do assunto, a teoria clássica de inspiração aristotélica; 2º, em abono dos modelos mais recentes de estruturação da memória e, portanto, da recuperação do significado, que há vários tipos de memória que podem influir na categorização semântica; 3º, apontando em direção das propostas recentes de Lakoff (1987, 1988) e Varela, Thompson e Rosch (1993) e demonstrando a importância da experiência pessoal e da história de vida do indivíduo na categorização: seguramente os conceitos não espelham o mundo real como postulava a epistemologia realista aristotélica, mas decorrem da construção que o indivíduo efetua a partir de sua interação com o meio, seja através de sua experiência direta, seja através das linguagens, em particular, a linguagem verbal, limitada biopsicologicamente pela forma humana de sentir, perceber e conhecer.

Os dados empíricos que servem de suporte à argumentação foram colhidos da pesquisa que realiza Rosemeire Selma Monteiro para sua tese de doutorado e se restringem à aplicação do teste de emparelhamento de palavras em iletrados.

Refutação da teoria clássica de inspiração aristotélica

A teoria clássica de inspiração aristotélica teve vigência no ambiente filosófico e, por irradiação, na psicologia e na lingüística, até as indagações de Wittgenstein (1948) sobre o problema da referência.

Influenciada por Wittgenstein, Rosch (1978), uma discípula de R. Brown, desenvolveu a teoria dos protótipos, contribuição seminal à psicolingüística, revertendo o referencial teórico precedente sobre categorização semântica.

O que nos interessa refutar na teoria aristotélica do conhecimento é, conforme assinalamos acima, o seu caráter realista e a explicação de sua gênese unicamente nos sentidos, o que hoje denominaríamos de processo exclusivamente *bottom up*. A categorização, segundo Aristóteles, decorre da aplicação do princípio do *genus proximum et differentia specifica*, em que, através da comparação de dois traços, os membros de uma mesma categoria compartilham, por conjunção, um mesmo traço..

Em decorrência, basicamente, a categorização seria a mesma para todos os indivíduos. Vamos observar nas respostas e comentários efetuados pelos sujeitos iletrados que muitas de suas categorizações desobedecem o princípio do *genus proximum et differentia specifica*. Na verdade, somente teorias e modelos subseqüentes podem dar conta das estratégias seguidas por estes sujeitos, seja a teoria dos protótipos padrão (Rosch, 1978) ou a expandida (Lakoff, 1987, 1988), sejam as teorias que postularam a diferença entre o conhecimento enciclopédico e o conhecimento de mundo que conduz à *folk categorization* (categorização popular), cf. Taylor (1990), seja a teoria enatista (Varela, Thompson & Rosch 1993).

Vejamos alguns exemplos que refutam o princípio aristotélico (observe-se que algumas vezes os sujeitos davam uma resposta classificatória ou a algumas perguntas, ou após várias tentativas ensejadas pela pesquisadora).

Para facilidade de entendimento do leitor, explicamos que o teste de emparelhamento de palavras era precedido do seguinte comando:

“Vou dizer uma palavra, você vai repetir a palavra que eu disser, depois eu vou dizer outras duas palavras e você vai me dizer qual das duas tem mais a ver com aquela primeira que falei. O que tem a ver, se a outra tem alguma coisa a ver.” A seguir era dado um pequeno treino. Nos exemplos a seguir, indicaremos sempre a tríade das palavras, colocando em itálico a palavra que precede as duas dentre as quais o sujeito deveria selecionar aquela para emparelhamento. As respostas do sujeito vêm sempre em negrito.

Outros modelos e teorias de categorização e recuperação

No decorrer da pergunta-treino ao sujeito APC (53 anos, iletrado):

O que combina mais o que, que tem mais a ver com o *olho*, a orelha ou o óculos?

...

O olho tem mais a ver ca orelha.

A primeira constatação diante desta resposta é a de que o sujeito estaria categorizando a partir de traços essenciais e não acidentais, estando implícita a idéia da classe “**órgãos do corpo**” ou, numa classificação baseada no conhecimento enciclopédico, como “**órgãos dos sentidos**”. Convém neste passo considerar que o conhecimento enciclopédico (e quanto mais complexo for dentro de uma mesma especiali-

dade, tanto mais se aplica a consideração) ultrapassa a proposta tripartida da dimensão vertical de Rosch em níveis subordinado, de base e superordenado: há mais níveis intermediários adicionados que compõem uma taxonomia especializada. Mas a constatação inicial diante da resposta **O olho tem mais a ver ca orelha** é desfeita diante da explicação logo a seguir dada pelo sujeito:

Por quê?

Porque realmente se, por exemplo, cê que chega num espelho, ou se você vê a parte da orelha se, se não tiver o olho, cê não vai enxergá a orelha.

O modelo cognitivo de imagens

Observe-se que esta estratégia de recuperação se explica muito melhor pelo *modelo cognitivo de esquemas de imagens* de Lakoff (1987, *apud* Bonini, 1999:27-8) que integra o nível mais baixo de sua proposta de *modelos cognitivos idealizados*. Conforme se pode depreender da explicação do sujeito, não ocorre um processo metonímico, metafórico e muito menos simbólico na base da associação que ele efetua entre “olho” e “orelha” e sim uma recuperação de uma imagem icônica, possivelmente integrante do esquema “olhar-se ao espelho” em sua memória procedural. O modelo cognitivo de esquemas de imagens se alimentaria do que Atkinson e Shiffrin postularam em 1968 como memória sensorial e que Parkin (1993) em sua proposta de memória operacional chamou de estocagem sensorial. O modelo proposicional que o sujeito utiliza (recorrente noutros sujeitos iletrados) é com o operador **se...** Por outro lado, não poderemos explicar os elos que o sujeito efetua, se nos ativermos apenas à ativação distribuída da rede semântica (Collins e Loftus, 1975) do sujeito, sejam quais forem os vínculos que sua rede mantém: somente um processamento em paralelo, que permita ativar outras memórias como, por exemplo, as já mencionadas memória icônica e/ou procedural, pode dar conta da resposta do sujeito.

A teoria enatista

Em adendo, uma estratégia muito utilizada pelos iletrados que contradiz a categorização aristotélica é a que se baseia no conhecimento a partir das ações, uma teoria muito promissora (a enatista), defendida pelos já mencionados Varela, Thompson e Rosch (1993), embora nas explicações dos sujeitos pareça vir associada aos esquemas de imagens de Lakoff. Vejamos como o Sujeito Z, uma senhora de 54 anos, responde à pergunta-treino. Num primeiro momento, Z recusa incluir numa mesma classe “olho” e “orelha”:

A senhora acha, D. Z, teria alguma a ver olho com orelha?

Eu acho que não.

A senhora pode repetir só esse pedaço da orelha?

A orelha tem a ver com os olhos porque segura os óculos, se a gente não tiver orelha, não pode botar óculos, né.

Um outro exemplo desta estratégia, desta vez, a resposta do sujeito V à pergunta “O que tem mais a ver com *cinema*, a rua ou o ingresso?”:

O ingresso, né

Por quê?

Porque, se você não tiver o ingresso, não pode assistir o cinema, né, tem que ter .. apesar que todos dois combina. Se não tiver a rua, você não pode passar pra ir comprar o ingresso, né, então...

Observe-se a utilização do operador lógico **se... então**, já mencionado em APC.

Verifique-se neste mesmo sujeito, numa outra resposta, como a teoria classificatória aristotélica não dá conta e sim a enatista:

A senhora vai combinar com a *janela* ou a porta ou a cortina.

Então a janela.

Não, porta ou cortina.

Porta.

Por quê?

Porque a porta dá pra você passar. Pela janela é meio difícil, né?

Janela. O que que combina mais com janela, o que tem mais coisas a ver com janela, a porta ou a cortina?

A cortina.

Por quê?

Porque pra colocar uma cortina na porta fica meio difícil, né, então tem que ter uma janela que é pra escurecer para ficar mais...

A janela e a porta têm alguma coisa a ver?

Todas as duas têm a ver.

Tem o quê?

Todas as duas dá pra abrir pra tu olhar na rua, pra ver uma claridade, né?

Verifica-se, pois, a dificuldade do sujeito em encontrar o super-ordenado: embora estabeleça um elo entre “porta” e “janela”, ele é baseado nas ações do sujeito e numa finalidade que não é comum aos dois conceitos. Esta dificuldade classificatória se repete nas respostas que V confere às perguntas:

Lençol e fronha têm alguma coisa a ver (da tríade *lençol*, fronha, cama)? Enceradeira e aspirador (da tríade *aspirador*, enceradeira, pó)? Abelha e grilo (da tríade *abelha*, mel, grilo)? Coelho e porco (da tríade *coelho*, cenoura, porco)? Vaca com touro (da tríade *vaca*, touro, leite)? Cão com burro (da tríade *cão*, burro, camarão)? Amor e Amizade (da tríade *amor*, amizade, noivado)? As respostas variaram entre:

Não, não tem nada a ver. Na minha opinião, não ou simplesmente **Não**.

O operador de finalidade

O operador de finalidade, principalmente em orações reduzidas, de resto é das estratégias mais fre-

quentes utilizadas pelos sujeitos. É interessante assinalar que o operador de finalidade foi o primeiro observado no sujeito que eu acompanhei em minha pesquisa de doutorado (Scliar-Cabral, 1977): aos 20 meses e 21 dias, colhi num dia de gravação, três enunciados (transliterados para o português canônico): “é pra por aqui” (99); “pra por aqui” (100) e “é pra por pé” (44).

Vejam algumas ocorrências da estratégia com o operador final:

Sujeito MH:

Para *berço*, bebê e cama:

Bebê, porque o berço foi feito pro bebê dormir.

Tem alguma coisa a ver berço e cama?

Tem, porque a cama é feita pra dormir também.

Para *janela*, porta, cortina.

Cortina, porque é feito pra colocar na janela.

Nariz, lenço e pescoço:

Lenço, porque é pra limpar o nariz.

Algumas respostas classificatórias

Conforme observamos no início do item 2., algumas perguntas receberam dos sujeitos respostas classificatórias super-ordenadas, seja de saída, seja após tentativas ensejadas pelo pesquisador. Isto demonstra que não existe uma incapacidade cognitiva para o uso da estratégia classificatória, mas sim que outras estratégias são as preferidas pelos sujeitos iletrados, uma vez que se apoiam muito mais na memória popular (*folk memory*) e/ou nos conhecimentos advindos de sua atividade diária, já que lhes falta um embasamento que alimente a memória enciclopédica. Pode-se observar que as vezes em que os sujeitos deram uma resposta classificatória elas independiam de um conhecimento obtido na escola. Por exemplo, na rerepresentação feita à tríade *coelho*, cenoura, porco, depois de o sujeito MH ter escolhido cenoura (**Porque coelho come cenoura**), quando o pesquisador indaga “Tem alguma coisa a ver coelho e porco?, o sujeito responde **Sim, porque é animal, né**. A resposta classificatória baseada no conhecimento enciclopédico seria: “Porque são mamíferos”. Estratégia idêntica é seguida por MH em relação à tríade *vaca*, touro, leite. Mas a falta de conhecimento enciclopédico leva o mesmo sujeito a dar as seguintes respostas à tríade *cão*, burro, camarão:

Burro.

Por quê?

Porque é animais.

Tem alguma coisa a ver cão e camarão?

Não, camarão é peixe.

A discrepância argumentativa de MH se repete nas respostas à tríade *pepino*, feijão, ovo:

O feijão.

Por quê?

Porque é feito pra comê.

Tem alguma coisa a ver pepino e ovo?

Não.

O sujeito MH, no treino, de saída baseou-se na estratégia funcional da finalidade (“**O óculos foi feito pra enxergar**”); após a insistência do pesquisador (“Não tem alguma o olho e a orelha?”), respondeu: “**São dois órgãos, né**”. Usou o mesmo operador final para classificar lençol e fronha, na tríade “lençol, fronha, cama”: **Porque é a mesma coisa, fronha e lençol é pra cima da cama, pra usá na cama**. Mas o mesmo raciocínio é utilizado para associar lençol e cama: **Sim. Que lençol é pra usá na cama, né**.

Após a insistência do pesquisador, alguns sujeitos aproximam os dois itens pertencentes à mesma classe, mas a explicação não deixa evidente se capturaram o super-ordenado. Por exemplo, para “*janela, porta, cortina*”, o mesmo sujeito, após a insistência do pesquisador com a pergunta “A janela tem o que a ver com a porta?”, responde: **Porque são a mesma coisa, janela e porta, a mesma coisa**. O mesmo ocorre com a tríade “*correio, selo e repartição*”: depois da reapresentação, MH responde: **Acho que é a mesma coisa, correio e repartição**. Mas nossa dúvida quanto à base da classificação feita pelo sujeito se patenteia na resposta à tríade “*caneta, tinta, lápis*”. Depois de relacionar tinta com lápis e após a reapresentação do pesquisador “Tem alguma coisa a ver caneta e tinta?”, MH explica: **Tem, porque caneta a tinta, porque caneta é tinta também, né**.

Este tipo de resposta desconfirma a categorização aristotélica por meio da comparação de traços binários nítidos e aponta para a proposta que favorece o efeito da tipicidade.

Conclusões

Nesta comunicação nos propusemos refutar a teoria aristotélica clássica de categorização, em favor de teorias mais recentes que procuram explicar como as várias memórias estão estruturadas de acordo com a experiência pessoal dos indivíduos e, em consequência, como a recuperação do significado ocorre, obedecendo suas estratégias preferenciais, embora subordinadas aos limites biopsicológicos da espécie.

Como evidência empírica nos valemos de respostas dadas por sujeitos iletrados a um teste de emparelhamento de palavras aplicado por Rosemeire Selma Monteiro e constatamos que os sujeitos utilizam preferencialmente estratégias que se apoiam em modelos cognitivos de imagens e/ou na memória procedural, ou no seu conhecimento construído a partir de suas ações no mundo, embora estejam habilitados a relacionar conceitos, inferindo o super-ordenado decorrente do seu conhecimento de mundo (*folk memory*) e não do conhecimento enciclopédico mais apropriado ao modelo aristotélico. Os operadores de encaixamento mais utilizados são “se...então” e “para”.

Estes dados apontam para a importância da experiência social e cultural na estruturação da memória semântica e nas estratégias de recuperação preferenciais, utilizadas pelos indivíduos.

Referências Bibliográficas

- ATKINSON, R. C. E SHIFFRIN, R.M. 1977. Human memory: A proposed system and its control processes. In G. Bower (org.) *Human memory: Basic processes*. New York, Academic Press.
- BLOOMFIELD, L. 1960 [1933] *Language*. New York, Henry Holt.
- BONINI, A. 1999. *O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: uma contribuição à teoria das superestruturas textuais*. Florianópolis, PGL/UFSC. Tese de doutorado, não publicada.
- BROWN, R. 1958. *How shall a thing be called?* *Psychological Review* 65:14-21.
- _____ e Kulik, J. 1977. *Flashbulb memories*. *Cognition*, 5:73-99.
- FODOR, J. A. 1983. *The modularity of mind*. Cambridge, Mass., M.I.T.
- FREGE, G. 1978 a. *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. de Paulo Alconforado. São Paulo, Cultrix/Edusp. Função e conceito.
- _____ 1978b. *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. de Paulo Alconforado. São Paulo, Cultrix/Edusp. Sobre o sentido e a referência.
- LAKOFF, G. 1987. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about things*. Chicago/London, The University of Chicago Press.
- _____ 1988 Cognitive semantics. In: U. Ecco, M. Santabrogio & P. Violi (orgs.) *Meaning and mental representations*. Bloomington, Indianapolis, Indiana University Press.
- PARKIN, A. J. 1993. *Memory: Phenomena, experiment, and theory*. Cambridge, Blackwell.
- PINKER, S. 1998. Obituary. Roger Brown. *Cognition*, 66: 199-213.
- ROSCH, E. 1978. Principles of categorization. In: E. Rosch e B. Lloyd (orgs.) *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ, Erlbaum.
- TAYLOR, J.R. 1990. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York, Oxford University Press.
- SCLIAR-CABRAL, L. 1977. *A Explicação lingüística em gramáticas emergentes*. São Paulo, USP. Tese de doutorado. Não publicada.
- STOEL-GAMMON, C. E SCLIAR-CABRAL, L. 1977. Emergence of the reportative function in child speech. In: G. Nickel (org.) *Proceedings of the 4th International Congress of Applied Linguistics*. Stuttgart, HochschulVerlag. 389-398
- VARELA, F., THOMPSON, E. & ROSCH, E. 1993. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. 3 ed. Cambridge, London, The M.I.T. Press.